

Editorial

O décimo primeiro número da revista Marx e o Marxismo – revista do NIEP é publicado poucos meses após as eleições gerais de 2018 que levou das urnas à presidência o candidato Jair Bolsonaro. O uso de táticas fascistas clássicas como a mentira, a calúnia, a intimidação e o uso da violência física durante a campanha eleitoral e os pronunciamentos e escolhas de ministros no governo de transição evidenciam o que está por vir – a tentativa de impor o domínio absoluto do capital e a subordinação completa da classe trabalhadora, além da perseguição por todos os meios de qualquer oposição. As declarações de completa subserviência aos interesses do imperialismo dos EUA não deixam dúvidas de que o Brasil passa a se inserir no contexto internacional como peça fundamental na ascensão da extrema direita mundial, a que busca preservar o capitalismo por meio da “ideologia do punho”.

Como um retorno ao passado, as contrarreformas efetivadas e as em curso transformam a vida social, ampliando a barbárie e a perda dos direitos sociais. Com os processos migratórios em ascendência, crescem as violações dos direitos humanos, principalmente dos imigrantes em situação irregular em nosso país, vítimas também da xenofobia, alavancada pelo discurso do presidente eleito e seus herdeiros. Como é o caso dos 10 mil venezuelanos que migraram, nos primeiros seis meses de 2018, por meio do município de Pacaraima (Roraima), que tiveram seus pertences e abrigos queimados por brasileiros, em agosto do corrente ano.

Trata-se de um ano em que pouco temos para celebrar o aniversário dos 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e dos 30 anos da Constituição Federal Brasileira. Os direitos humanos evidenciam sua efetividade de acordo com os interesses das classes dominantes e da necessidade social capitalista. E na realidade brasileira reiteram as particularidades da periferia, onde as burguesias brasileiras transitam do nosso autoritário *Estado Democrático de Direito* ao fascismo.

O típico cerceamento da fala e do dissenso revela neste momento o seu maior ascenso. A liberdade de expressão e de pensamento, uma garantia constitucional e também um direito humano, sempre foi violada de forma evidente no meio rural e nas favelas de todo Brasil com a morte ou ameaças de lideranças na

defesa dos direitos das classes trabalhadoras. E, no presente momento histórico, parece um retorno ao período autocrático de ampliação da repressão aos que não se enquadram ao pensamento hegemônico.

As ações violentas no curso da disputa eleitoral estenderam-se para o ambiente acadêmico, com ataques explícitos à Universidade Pública que revelam essa volta ao passado. Com o incentivo de políticos conservadores eleitos, atrelados ao movimento “Escola com mordaza”, membros da comunidade acadêmica são intimidados e ameaçados de serem filmados caso tenham um “discurso ideológico”.

A suposta neutralidade sempre foi uma retórica da *ciência burguesa*, mas devido às conquistas do *Estado Democrático de Direito*, o pensamento que revela as contradições da sociabilidade capitalista está assegurado e respaldado no plano formal de nossa Carta Constitucional. E a resistência deve ser a nossa principal pauta para garantir esse direito e vencer o discurso e as práticas de ódio e violência contra as liberdades democráticas, a classe trabalhadora e os direitos políticos e sociais.

Em um contexto de tantos ataques à liberdade de expressão, às Universidades Públicas e ao marxismo, em particular, publicar uma revista que se dedique inteiramente a essa corrente de pensamento já constitui em si um ato de resistência. Além disso, os artigos aqui reunidos trazem importantes contribuições para a análise do conturbado momento no qual passamos, bem como a atualidade de Marx para interpretamos a nossa realidade.

O primeiro artigo publicado nesta edição é “Mais além da antropologia pós-estruturalista do desenvolvimento, de volta à teoria marxista da dependência” de Alex Martins Moraes. Partindo da premissa de que há um desencontro entre a teoria marxista da dependência e a crítica pós-estruturalista do desenvolvimento, Alex Martins Moraes procura resgatar intuições da teoria marxista da dependência que vão além da economia política e que oferecem elementos para uma crítica das estruturas de poder e dominação geradas pelo desenvolvimento capitalista.

Em seguida publicamos o texto “A greve dos professores universitários de 2012 e o REUNI: uma análise da relação entre as políticas educacionais e as lutas dos professores” de autoria de Matheus Castro da Silva. O autor analisa a relação entre a “implementação de políticas públicas da Educação Superior, especialmente o REUNI, e as ações de resistência”. Matheus toma como referência teórica a teoria marxista da dependência e como campo empírico para análise da implementação e concepção do REUNI e suas consequências para as condições de estudo e trabalho a UFF. O autor conclui que a precarização das condições de trabalho “impeliu os docentes a resistirem, fomentando um salto qualitativo em sua consciência, culminando no movimento grevista de 2012.”

Em um momento em que crescem os alertas sobre o aquecimento global, cujos efeitos que já estão sendo sentidos, e em que presidentes de extrema-direita como Donald Trump e Jair Bolsonaro insistem em negar a realidade com frases de efeito, publicamos o artigo de Eduardo Sá Barreto, “Uma crítica ontológica ao “estado estacionário” de Herman Daly: a Economia Ecológica como Economia Ambiental travestida”. O autor realiza uma crítica ontológica a Economia Ecológica. Eduardo Sá Barreto argumenta que a Economia Ecológica possui uma ontologia implícita que naturaliza o capital e supervaloriza os elementos subjetivos que a leva a um dilema entre as necessidades ambientais e a reprodução do capital.

A seguir publicamos o texto de Rogério Gonçalves de Freitas e Higson Rodrigues Coelho, “Modernizar para não ficar para trás: Políticas de emulação neoliberal no sistema educacional italiano”, que tem como objeto as políticas educacionais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e sua implementação no sistema educacional italiano. Os autores argumentam que as políticas da OCDE “são processadas através do mecanismo de emulação” aplicam a “lógica *modernizar para não ficar para trás*”, inseridas na concepção de mundo neoliberal. Os autores concluem que o discurso emulador legítima e antecipa “as recentes reformas privatizantes da escola pública italiana”.

André Coutinho Augustin em “Para além dos 20 centavos: a mobilidade urbana sobre o ponto de vista Economia Política” procura investigar alguns motivos que levam a burguesia brasileira “a apoiar um modelo de mobilidade urbana que gera deslocamentos caros e demorados”. Do ponto de vista da Economia política o problema se coloca uma vez que o transporte aumenta o e o desgaste to da força de trabalho, o que teoricamente deveria levar a burguesia a defender um transporte mais barato. André Coutinho Augustin aponta que o caráter de país dependente do Brasil, em que há um excedente de mão de obra como regra, e o interesse de setores da burguesia que se beneficiam diretamente do atual modelo de transporte são motivos que explicam o aparente paradoxo.

“Interpretar para transformar. Un recorrido por el análisis materialista de Álvaro García Linera”, de autoria de Celia Duek, apresenta o estudo sobre o pensamento do atual vice-presidente da Bolívia Álvaro García Linera. Expõe a interlocução do político com outros intelectuais, o seu dispositivo conceitual e a contribuição de suas análises concretas, por meio das produções acadêmicas e discursos do vice-presidente. A autora ressalta a relevância das suas produções intelectuais devido à sua análise marxista articular-se às particularidades da realidade boliviana, a exemplo das históricas lutas indígenas, explicitando que na Bolívia as classes sociais foram construídas etnicamente. Em resumo, Duek aponta que o pensamento teórico-sociológico de García Linera se articula com seu pensamento político e este com sua prática ou luta política.

O artigo de Tatiana Poggi, “Alt-Right e a classe trabalhadora branca nos EUA: a face moderna do conservadorismo contemporâneo” oferece uma contri-

buição para o entendimento das condições sociais e ideológicas para o avanço da extrema direita no mundo. A autora discute a proletarização dos estratos médios da classe trabalhadora branca americana e sua organização política no movimento da “Alt-Right”. Caracterizando o governo de Trump como neoliberal, Tatiana Poggi analisa os fundamentos ideológicos da fusão de conservadorismo com liberalismo econômico da “Alt-right”.

O ano de 2018 marca os 200 anos do nascimento de Marx. Lembrando desta data, publicamos o artigo de Marcelo Badaró Mattos, “A atualidade de Marx em seus 200 anos: a questão das opressões”, indicando assim a atualidade do pensamento de Marx para as questões políticas da atualidade. O autor coloca em discussão a potencialidade de algumas reflexões de Marx para o entendimento e o enfrentamento das opressões. Após localizar a crítica de quem Marx seria um pensador eurocêntrico, indiferente às questões de raça e gênero, Marcelo Badaró retoma aspectos da elaboração de Marx acerca do debate sobre as questões da opressão racial, da dominação colonial/imperial e da opressão de gênero.

Neste número publicamos também duas *notas críticas*. A primeira delas, “Cadernos de escola: os livros didáticos de sociologia e o pensamento de Antônio Gramsci” de autoria de Marcos Vinícius Pansardi, aborda a presença de Gramsci nos livros didáticos de sociologia no ensino médio de 2015. Ao contrário do que fala a propaganda dos que querem impor censura as escolas, como o projeto mal denominado de “escola sem partido”, o autor mostra que o pensamento de Gramsci é pouco utilizado nos livros didáticos de sociologia, aparecendo apenas nos capítulos sobre política e de forma subutilizada.

Também na seção notas críticas publicamos a resenha de Filipe Prado Mencari do livro “*Depois do Golpe: a dialética da democracia blindada no Brasil*” de autoria de Felipe Demier, em que os anos do governo do PT são analisados a partir do conceito de democracia blindada e das mudanças na dinâmica da luta de classes.

Ainda lembrando os 200 anos de nascimento de Marx, publicamos a carta de Marx a Feuerbach de 11 de agosto de 1844 na seção *Luta e Memória*, com introdução de André Guimarães Augusto. A carta, escrita em Paris, revela um momento crucial na formação do pensamento e da atuação política de Marx. Seu afastamento de Bruno Bauer e a crítica ao pensamento deste, que resultariam na “Sagrada Família” escrita com Engels, seu entusiasmo com o materialismo de Feuerbach – que não era isento de críticas – e sua aproximação com a classe trabalhadora na qual descobre ‘o elemento prático para a emancipação da humanidade’ estão presentes na carta.